

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Eleição Presidencial

Quem virá depois de FH

Previsões são sempre perigosas, uma vez que a realidade não é uma senhora obediente. Portanto, mais seguro é mesmo falar em possibilidades e probabilidades. E antes que os fatos se apresentem ao desmentido, pois são senhores igualmente independentes e voluntariosos, vamos às hipóteses que, no que tange à política para ano de 2000, resumem-se a uma só: a eleição municipal que servirá de coadjuvante à personagem principal que será a armação da campanha eleitoral para 2002.

Reclamará o leitor – coberto de razão – que este tipo de previsão não vale, é óbvio demais. O problema é que o que se avizinha por aí, descontando a ação do imponderável, é de uma obviedade abissal: reformas que não forem aprovadas, na convocação extraordinária agora de janeiro, não serão mais porque, a partir de março, não haverá partido neste país que pense em outra coisa que não em se cacifar nos pleitos municipais para poder dar as cartas na disputa federal.

Há dois tipos de pensamento em vigor para o ano que vem: o daqueles que defendem que a eleição de outubro é uma prévia da de 2002 e o dos que acham que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Esta última idéia teoricamente parece mesmo a mais correta, já que os critérios que norteiam um pleito municipal são muito mais imediatos e absolutamente diferentes daqueles que pautam uma corrida ao Planalto.

O presidente Fernando Henrique é um que pensa assim. Também em tese porque, na prática, seus aliados ou seus adversários agirão todos com os sentidos ligados na conquista do poder central.

Oposição e situação têm planos semelhantes do ponto de vista estratégico: trabalharão para eleger o maior número possível de prefeitos e se empenharão em ganhar também as grandes cidades. Menos pelo poder que influência que teriam os eleitos na sucessão presidencial, e mais pelo reforço de musculatura que isso daria a cada partido.

Sem contar com a quantidade de palanques que haverá à disposição dos que desde agora pleiteiam as candidaturas presidenciais. Aliás, quanto menos compromissado for o pré-candidato, com mais desenvoltura poderá se comportar nesses palanques.

Ciro Gomes é primeiro e único no PPS, não tendo, portanto, de enfrentar constrangimentos internos como os postulantes do PSDB, por exemplo. Os tucanos não podem assumir posições abertas, sob pena não só de provocarem rachas inconvenientes mas também de estarem a decretar desde agora o fim do governo Fernando Henrique.

São dois casos extremos de falta e excesso de compromisso. Já em outros partidos, como o PT, o PMDB e o PFL, os testes de palanque serão mais abertos. No PT totalmente autorizados, já que a decisão é justamente aproveitar este ano para que a bem fornida lista de pré-candidatos (José Genoíno, Aloísio Mercadante, Eduardo Suplicy, Cristovam Buarque, Tarso Genro) mostre serviço e capacidade de ocupar o lugar até então cativo de Luiz Inácio Lula da Silva.

No PMDB e PFL, o jogo já tem intenções um pouco diferentes. Enquanto o PT busca, de fato, um candidato, os hoje aliados de Fernando Henrique buscam mais uma candidatura que lhes aumente o poder de fogo no campo da centro-direita. Que tende a continuar unido para não repetir o desastre de 1989, mas não dispõe de nenhuma unanimidade. Sendo assim, todos sonham com a cabeça da chapa.

É claro que ninguém imagina chegar ao final do ano com candidaturas definidas. Nem o PT acha que isso será possível.

O que os partidos acreditam é que abertas as urnas, contados os votos, ficará mais definida a densidade da força de cada um, o que então orientará verdadeiramente a montagem de seus esquemas para 2002.

Diz o coordenador político do Planalto, e confirma o presidente, que o governo federal não entrará abertamente na defesa desse ou daquele candidato. É um discurso, pode ser até que seja um desejo, mas dificilmente será uma realidade.

Uma que não será agora, bem no meio de segundo tempo, que o PSDB se conformará com distanciamentos. Se as coisas já azedaram entre os tucanos e o presidente quando ele argumentava que não podia se envolver para não perder aliados à reeleição, imagine como ficará a pressão agora que Fernando Henrique não estará mais em jogo pessoalmente.

E outra razão pela qual o presidente deve ir se preparando para mudar de idéia é que, dada a intenção de nacionalizar o debate eleitoral, ele será mesmo o personagem principal dos zilhões de palanques que se espalharão pelo país todo.

E isso para o bem ou para o mal, dependendo de como estiver nas pesquisas.

A ironia de todo o quadro político deste segundo mandato de Fernando Henrique é que ele apostou na reeleição acreditando que só a expectativa de mais quatro anos de poder permitiria que governasse com força suficiente para concluir seus projetos. Mas desde que se aprovou a reeleição não se discute outra coisa que não seja o governo que virá depois de FH.

e-mail para esta coluna: dkramer@jb.com.br

Desde que se aprovou a reeleição que não se discute outra coisa que não a sucessão do reeleito